

## Morte violenta de jovens cresce no Nordeste

As estatísticas do IBGE mostram ainda um contraste nas mortes por causas externas – como homicídios, suicídios, atropelamentos e acidentes – no grupo etário masculino de 15 a 24 anos. Esse número caiu significativamente em Estados como São Paulo, Rio, Espírito Santo e Santa Catarina na última década. Mas cresceu 171% na Bahia. Outros Estados do Nordeste e do Norte também registraram aumentos expressivos.

A tendência já vinha sendo apontada em outros levantamentos. A redução da quantidade de mortes no Sudeste e no Sul estaria relacionada aos ganhos sociais e à redução da desigualdade.

“Normalmente, a questão dos homicídios não está ligada à pobreza, mas sim ao desemprego e à desigualdade”, explica o economista Marcelo Neri, da Fundação Getulio Vargas (FGV). “No caso do Nordeste, há um certo mistério porque as condições de vida melhoraram. Mas é algo que já vinha sendo notado.”

A mortalidade masculina é maior do que a feminina ao longo de toda a vida, mas a diferença é mais acentuada entre os jovens. Considerando apenas os óbitos por causas externas, um brasileiro de 20 anos tinha, em 2016, 11 vezes mais chance de não completar os 25 anos do que uma mulher.

**Envelhecimento.** Por fim, o levantamento mostra um aumento do número de mortes em geral no Brasil. Foram 1.270.898 óbitos no ano passado, 3,5% a mais do que em 2015 e 24,7% a mais do que em 2006. Segundo a gerente da pesquisa, Klívia Brayner de Oliveira, os resultados refletem as mudanças do perfil demográfico do País, com o gradual envelhecimento da população e a redução da mortalidade infantil.

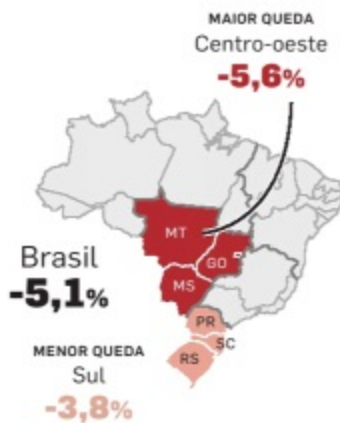
Em 1976, por exemplo, a parcela da população que mais morria era a de menores de 5 anos (34,7%). Hoje, a mortalidade infantil corresponde a menos de 3% dos óbitos. A proporção de mortes entre os maiores de 65 anos mais que dobrou no mesmo período, passando de 29,1% em 1976 para 58,5%, 40 anos depois. / R.J.

## RAIO X

## ● IBGE divulgou estatísticas do registro civil

## Nascimentos

COMPARAÇÃO ENTRE 2015 E 2016

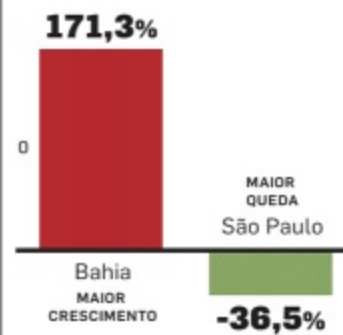


## Casamentos

DADOS DE 2016

Óbitos masculinos  
de 15 a 24 anos

ENTRE 2006 E 2016



FONTE: IBGE

INFOGRÁFICO/ESTADÃO

---

**População**

**ZIKA E CRISE  
DERRUBAM TAXA  
DE NATALIDADE**

**F**oram registrados 2.793.935 nascimentos no País no ano passado, queda de 5,1% em relação a 2015 e a primeira redução em sete anos. Crise econômica e a epidemia de zika estão entre as prováveis causas para o adiamento da maternidade. Também caiu o número de casamentos e aumentou o de divórcios. **METRÓPOLE/PÁG. A16**

# Zika e crise fazem nº de nascimentos cair no País

Foi a 1ª queda desde 2010; IBGE registra ainda menos casamentos e mais divórcios

Roberta Jansen / RIO

O total de nascimentos em 2016 no País teve forte queda – a primeira desde 2010 e uma das maiores já registradas – segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgados ontem. Foram 2.793.935 registros, uma redução de 151 mil em relação a 2015 ou 5,1%. Além do envelhecimento da população, a crise econômica e a epidemia do vírus zika são apontadas como causas do recuo de natalidade.

“Está em curso uma mudança demográfica que vai nos afetar nos mais diferentes aspectos”, explica o economista Fernando de Holanda Barbosa Filho, da Fundação Getúlio Vargas (FGV). “Quando a taxa de mortalidade cai, é natural que, em um segundo momento, caia a de natalidade. É um movimento natural, já estava previsto.”

Mas a queda foi bem maior que o esperado, indicando que outros fatores podem ter contribuído para impulsionar o fenômeno. Embora a pesquisa não aponte as causas, os demógrafos do IBGE acreditam que a epidemia de zika que assolou o País entre 2015 e 2016 estaria por trás da decisão de muitas mulheres de adiar a maternidade. O Estado que apresentou o maior recuo (10%) foi Pernambuco, justamente um dos mais atingidos pela doença e pelo surto de microcefalia nos bebês cujas mães contraíram o vírus durante a gravidez.

“As taxas de natalidade e fecundidade vêm caindo no Brasil, mas o tamanho desse recuo no ano passado chamou a atenção” explica Klívia Brayner de

Oliveira, gerente da pesquisa Estatísticas do Registro Civil 2016. A crise econômica e as altas taxas de desemprego também teriam contribuído para a redução dos nascimentos. A maior variação negativa foi na Região Centro-Oeste (5,6%).

**Unões e divórcios.** O mau momento econômico seria ainda responsável por menos casamentos. O levantamento do IBGE revela que foram registradas 1.095.535 uniões no ano passado, 3,7% a menos do que em 2015. “Com a crise, havia muita incerteza, muita gente desempregada”, afirma a demógrafa do IBGE Leila Ervatti. “É natural que as pessoas adiem os planos de casamento.”

O economista Marcelo Neri, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), concorda com a colega. “Decisões menos mecânicas, que as pessoas tomam mais racionalmente, como casar e ter filhos, tendem a ser influenciadas por crises.”

Os brasileiros também se separaram mais no ano passado. De acordo com a pesquisa do IBGE, foram 344.526 divórcios no País em 2016, 4,7% a mais do que no ano anterior, a maior parte consensual.

Embora na maioria das vezes a guarda dos filhos tenha ficado com a mulher (74,4%), foi observado um aumento significativo na guarda compartilhada. Passou de 12,9% em 2015 para 16,9% no ano passado. “O número de separações vem aumentando desde 2010, quando todos os entraves legais para o divórcio foram retirados”, afirma Klívia. “A facilidade legal deixou as pessoas mais à vontade com o divórcio.”



## Surto

PÂNICO FAZ  
MULHERES  
ADIAREM  
GRAVIDEZ

Mônica Bernardes

ESPECIAL PARA O ESTADO  
RECIFE

**A**pós dez anos de casamento, muitas conquistas pessoais e profissionais, os engenheiros pernambucanos Eduardo Coimbra, de 38 anos, e Luciana Chaves, de 36, fizeram planos para crescer a família em 2016. Mas o projeto acabou sendo adiado por ao menos mais dois anos. O motivo não foi uma crise no relacionamento ou falta de dinheiro, mas o medo de que a recente epidemia de microcefalia, provocada pelo surto do zika, pudesse ameaçar a saúde do tão sonhado bebê.

“Passamos o segundo semestre de 2015 nos preparando física e psicologicamente para tentar uma gravidez. Estávamos muito felizes e aí, com o passar dos meses, começamos a acompanhar as notícias sobre as centenas de casos de microcefalia. Entrei em pânico e decidi não arriscar”, contou ela. “Foi frustrante, mas era necessário.”

Chaves já começa a reorganizar os planos para 2018. “Entendo por completo a op-



JUNIOR SANTOS/ESTADÃO-19/2/2016

**Recém-nascido.** Pernambuco lidera queda de natalidade

ção de minha mulher. Cheguei a propor que aceitássemos uma proposta de emprego fora do País, que eu havia recebido, para que ela pudesse engravidar com tranquilidade, mas preferiu esperar. Acho que, como as coisas acalmaram, conseguimos ter nosso filho ou filha”, diz ele, que mora em Olinda, na Grande Recife, que tem uma das mais altas taxas de zika.

**Aborto.** A química Lúcia (nome fictício), de 32 anos, interrompeu uma gravidez de 24 semanas clandestinamente em dezembro de 2015. Ela, que mora no Recife, havia recebido o diagnóstico de que o bebê tinha microcefalia. “Era meu primeiro filho. Ninguém fica feliz com

essa decisão. Engravidar de forma planejada. Eu e meu marido não queríamos esse sofrimento para o bebê e para nós. Por isso, buscamos aborto. Sofremos bastante, mas hoje, vendo a dificuldade de tantas crianças com a síndrome, tenho certeza de que foi a melhor decisão.”

Já a arquiteta Luana Seabra, de 30 anos, optou por ter o bebê, gerado no Recife, longe da terra natal. “Descobri a gravidez em novembro de 2015, no auge da epidemia. Entrei em pânico. Como a família do meu marido mora nos Estados Unidos, decidimos que iríamos nos mudar até que o bebê nascesse e nos sentíssemos seguros.”